

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

A Formação Docente nas Dimensões Ética, Estética e Política



Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

A Formação Docente nas Dimensões Ética, Estética e Política

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F723 A formação docente nas dimensões ética, estética e política 1
[recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. –
Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Formação Docente
nas Dimensões Ética, Estética e Política; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-568-6

DOI 10.22533/at.ed.686190209

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Ética. 3. Professores –
Formação – Brasil. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A obra “A formação Docente nas Dimensões Éticas, Estética e Política 1” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

Atualmente, o modelo de desenvolvimento econômico, o processo de globalização, os avanços tecnológicos, que geram rápidas e constantes mudanças em todos os setores da sociedade, têm exigido das instituições, principalmente da escola, maior eficácia, produtividade, qualidade e competitividade, suscitando a necessidade de profissionais competentes e atualizados, capazes de assumir os diferentes papéis no mercado de trabalho e no contexto em que vivem.

Os saberes adquiridos nas formações iniciais já não oferecem suporte para exercer a profissão com a devida qualidade, como acontecia até pouco tempo, conforme alude Lévy (2010, p.157): “pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início do seu percurso profissional, estarão obsoletas no fim da sua carreira”.

Na atividade docente torna-se ainda mais premente que ocorra a formação continuada, pois o ofício de professor não é imutável, suas mudanças incidem principalmente pelo surgimento e a necessidade de atender as “novas competências”. Este ofício vem se transformando, exigindo: prática reflexiva, profissionalização, trabalho em equipe e por projetos, autonomia e responsabilidades crescentes, pedagogias diferenciadas, sensibilidade à relação com o saber e com a lei. Tudo isso leva a um repensar da prática e das competências necessárias para o desempenho do papel de educador.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

Conforme Imbernón (2001) a formação continuada, entendida como fomento do desenvolvimento pessoal, profissional e institucional dos professores, eleva o trabalho para que ocorra a transformação de uma prática. Tal prática está para além das atualizações científicas, didáticas ou pedagógicas do trabalho docente. A formação continuada supõe uma prática cujo alicerce é balizado na teoria e na reflexão para a mudança e a transformação no contexto escolar. Dessa forma, os professores passam a ser protagonistas de sua história, do seu fazer pedagógico, e de uma prática mobilizadora de reflexão sobre tudo o que vêm realizando (Nóvoa 1999; Schon 1997).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem

provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola em sempre é o melhor lugar para que ela ocorra. A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular.

A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade. Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A (RE)CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS PEDAGÓGICA: DESAFIOS ATUAIS DA EDUCAÇÃO	
Ayala de Sousa Araújo Anderson Nildo dos Santos de Jesus Rafaela Caroline Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.6861902091	
CAPÍTULO 2	10
A CONTRIBUIÇÃO DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NO CICLO ALFABETIZADOR, EM SERRA DO MEL-RN	
Themis Gomes Fernandes Maria Kéllia de Araujo Francisca Erenice Barbosa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6861902092	
CAPÍTULO 3	24
A EDUCAÇÃO EM SAÚDE PRESENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS: UM OLHAR SOBRE A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Manoel Messias Santos Alves Bruno Meneses Rodrigues José Elyton Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6861902093	
CAPÍTULO 4	38
A EDUCAÇÃO PRIMÁRIA PARA JOVENS E ADULTOS NO SÉCULO XIX NA PROVÍNCIA DE SERGIPE	
Maria dos Prazeres Nunes Simone Silveira Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.6861902094	
CAPÍTULO 5	47
A FOTOGRAFIA NA DOCÊNCIA DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	
Adeilton Santana Nogueira Éverton Gonçalves de Ávila Vera Maria dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6861902095	
CAPÍTULO 6	59
A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Viviane Novaes de Souza Leandro dos Santos Camila Mota Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6861902096	
CAPÍTULO 7	69
A LITERATURA E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Nailson dos Santos Almeida Suely Cristina Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6861902097	

CAPÍTULO 8	80
A POPULARIZAÇÃO DAS ATIVIDADES CIENTÍFICAS EM FUNÇÃO DA ASTRONOMIA SOLAR	
Caio Crespo Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.6861902098	
CAPÍTULO 9	89
A PROBLEMÁTICA DO <i>BULLYING</i> NA ESCOLA: REFLEXÕES E DESAFIOS PARA A GESTÃO E A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA	
Lucyvânia D'arc Duarte Ribeiro	
Raimunda Rita de Cássia Nascimento Silva	
Sandra de Sousa Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.6861902099	
CAPÍTULO 10	98
A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO: AS CONCEPÇÕES QUE NORTEIAM OS DISCURSOS DOS PROFISSIONAIS NO COTIDIANO ESCOLAR	
Paloma Rezende de Oliveira	
Joselaine Cordeiro Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.68619020910	
CAPÍTULO 11	111
ABORDAGEM DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA PRESENTE NO CONTEÚDO GENÉTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA	
Franciane Silva Lima	
Hellen José Daiane Alves Reis	
Andréa Martins Cantanhede	
DOI 10.22533/at.ed.68619020911	
CAPÍTULO 12	123
AS COMPETÊNCIAS DO GESTOR EMPREENDEDOR PARA UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS PELOS PROFESSORES E ALUNOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Ada Mônica Santos Brito	
DOI 10.22533/at.ed.68619020912	
CAPÍTULO 13	134
ATUALIZAÇÕES DIDÁTICAS: DE TRAJANO À FOTOGRAFIA INTELIGENTE	
Adeilton Santana Nogueira	
Éverton Gonçalves de Ávila	
Daniel Bramo Nascimento de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.68619020913	
CAPÍTULO 14	146
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL CONCEPÇÕES E PRÁTICAS	
Danise Vivian Gonçalves dos Santos	
Eunice Maria da Silva	
Renata Aparecida Dias Alexandre	
DOI 10.22533/at.ed.68619020914	

CAPÍTULO 15	158
BIOÉTICA NA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: A IMPORTANCIA DA EMPATIA E DA PERCEPÇÃO	
Vinícius Lurentt Bourguignon	
DOI 10.22533/at.ed.68619020915	
CAPÍTULO 16	195
BLOCOS DE MONTAGEM COMO ESTRATÉGIA DE INTEGRAÇÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	
Camila Mendonça Romero Sales	
Arthur Rezende da Silva	
Diego da Silva Sales	
Aline Pires Vieira de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.68619020916	
CAPÍTULO 17	203
CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM DE SI: COMPARTILHANDO O TRABALHO NAS TURMAS DE AEE	
Andréa de Sá Rocha Nogueira	
Geórgia Oliveira Costa Lins	
Hildiana Maria Gomes Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.68619020917	
CAPÍTULO 18	213
DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO BRASILEIRO NO SÉCULO XXI: DO QUADRO À TELA	
Elizabeth Danziato Rego	
DOI 10.22533/at.ed.68619020918	
CAPÍTULO 19	227
DIÁLOGOS ENTRE CINEMA, FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E INFÂNCIA	
Larissa Ferreira Rodrigues Gomes	
Fabiola Alves Coutinho Gava	
Maria José Rassele Soprani	
DOI 10.22533/at.ed.68619020919	
CAPÍTULO 20	236
EDUCAÇÃO E EMPODERAMENTO UM ATO DE INCLUSÃO	
Maria Aparecida dos Santos Siqueira	
Julia Tadeu Silva dos Santos e Paula	
DOI 10.22533/at.ed.68619020920	
CAPÍTULO 21	247
EDUCAÇÃO RURAL EM SERGIPE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	
Leandro dos Santos	
Viviane Novaes de Souza	
Elisson Souza de São Jose	
DOI 10.22533/at.ed.68619020921	

CAPÍTULO 22 257

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID BIOLOGIA DA UFRR

Wilma Lima Lira

Jairo Ferreira de Oliveira

Lucilia Dias Pacobahyba

Maria Aparecida Neves

Silvana Tulio Fortes

DOI 10.22533/at.ed.68619020922

SOBRE A ORGANIZADORA..... 267

ÍNDICE REMISSIVO 268

A FOTOGRAFIA NA DOCÊNCIA DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Adeilton Santana Nogueira

Universidade Tiradentes

Aracaju - Sergipe

Éverton Gonçalves de Ávila

Universidade Tiradentes

Aracaju - Sergipe

Vera Maria dos Santos

Universidade Tiradentes

Aracaju - Sergipe

RESUMO: Este trabalho é uma atualização das discussões pedagógicas dos autores quanto ao uso da fotografia na docência da filosofia no ensino médio, desde o qual objetiva apresentar a eficiência da captura e reflexão com fotografias no desenvolvimento das competências e habilidades para a construção mais elaborada do pensamento, sua experimentação e demonstração. Igualmente, a construção desta proposta parte da demonstração da evolução da imagem até as letras e sua reprodutibilidade técnica, destaca a presença do uso das tecnologias entre os alunos e sua atualidade em sala de aula. Aproxima autores da Comunicação, da Filosofia e da Educação para justificar o discurso filosófico com fotografias. O desenvolvimento desse estudo caracteriza-se pela pesquisa bibliográfica e se fundamenta na aplicação de atividades extraclasse, com a

captura de fotografias originais, a fim de tornar a filosofia mais atrativa, interativa e próxima do cotidiano dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Fotografia. Didática.

PHOTOGRAPHY IN THE TEACHING OF PHILOSOPHY IN HIGH SCHOOL

ABSTRACT: This work is an update of the authors' pedagogical discussions about the use of photography in the teaching of philosophy in high school, from which it aims to present the efficiency of the capture and reflection with photographs in the development of the skills and abilities for the more elaborate construction of the thought, its experimentation and demonstration. Likewise, the construction of this proposal starts from the demonstration of the evolution of the image up to the letters and its technical reproducibility, highlights the presence of the use of the technologies among the students and their actuality in the classroom. Approaches authors of Communication, Philosophy and Education to justify the philosophical discourse with photographs. The development of this study is characterized by bibliographical research and is based on the application outside the classroom activities, with the capture of original photographs, in order to make the philosophy more attractive, interactive and close to the

daily life of the students.

KEYWORDS: Philosophy. Photography. Didactics.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo expõe, ainda que de modo resumido, a trajetória da imagem e sua contribuição na formulação das ideias, as de que as presenciam, bem como as ideias de quem constrói imagens. Dada esta importância, este artigo, vai apresentar a fotografia como meio de representação das ideias filosóficas dos alunos do ensino médio. Tal proposta tornou-se projeto de pesquisa e objeto de mestrado, portanto uma pesquisa em construção.

O presente intento trata-se de uma experimentação já em andamento que tem se mostrado satisfatoriamente na didática de filosofia do ensino médio. Esse é o fator pelo qual se procura um embasamento teórico que validasse na comunidade científica e permitisse o diálogo pedagógico entre Filosofia e Comunicação. Para tanto, iniciamos com as provocações que seguem.

2 | DA IMAGEM À FOTOGRAFIA

O homem fez uso das imagens muito antes da escrita, antes da história, bem como antes do alfabeto. Refere-se aqui às pinturas rupestres, quando as imagens eram sagradas e escondidas das pessoas comuns. Quem imaginaria que a pintura rupestre da capivara, encontrada na Serra da Capivara, no Piauí, tinha funções instrutivas e tradicionais? Benjamin (1987, p. 173) ajuda a entender isto quando diz, com tanta semelhança, que “O alce, copiado pelo homem paleolítico nas paredes de sua caverna, é um instrumento de magia, só ocasionalmente exposto aos olhos dos outros homens: no máximo, ele deve ser visto pelos espíritos.” Assim o filósofo explica a importância e o valor de culto que a imagem tinha na pré-história da humanidade, o seu valor de discurso e explicação da realidade cultural de sua época remota.

A imagem rupestre passou por um longo caminho na história, relatando e definindo ideias. Platão ‘pinta’ sombras dançantes em sua caverna mítica, dando vida às imagens, para se referir à reprodução alienante e fuga do pensamento projetado por ilusões alheias. Outrossim, o herói do Mito da Caverna de Platão é aquele que interpreta, ou melhor, que vai à procura das evidências das imagens, em busca da sua origem e daquilo que copiam (PLATÃO, 2000, p 210). Na maiêutica com Glauco o filósofo fala sobre as imagens como cópias da realidade e a sua capacidade de cognição para o estado da natureza humana, em relação à educação e ao conhecimento ou à falta dele. O pai do idealismo parte desse mito para exemplificar o cidadão, o ser político e aquele que tem a faculdade de governar: o esclarecido que esclarece.

Em seu tempo, Platão era averso às cópias e representações, pois se este

mundo é cópia do hiperurânio, copiar as coisas através da arte seria turvá-las e enganar-se sobre a realidade. Pareceu ser inevitável que as imagens perdessem o seu valor sobrenatural na medida em que se multiplicaram e se tornaram mais acessíveis. A invenção da exposição das imagens além dos murais, afrescos e mosaicos, inaugurou uma época de exposição que culminou com outra invenção, mais próxima das pessoas e do uso comum: a fotografia.

Todavia, Segundo Benjamin (1987), bem antes da fotografia, foi com a xilogravura que o desenho se torna pela primeira vez tecnicamente reproduzível, muito antes da imprensa reproduzir a palavra escrita. A xilografia é o método de impressão sobre o papel, a partir de chapas de madeira esculpidas, dominado pelos chineses desde o século VI e que diminuiu seu uso apenas no século XVIII com a mudança da chapa para o metal.

Nesse processo de reprodutibilidade, logo depois da xilogravura, na Idade Média, desenvolve-se a estampa em chapa de cobre e a água-forte, assim como a litografia, que era o uso da pedra como base reprodutora. Um método mais econômico e rápido aos anteriores, desde o início do século XIX, outra etapa essencialmente nova. O que permitiu às artes gráficas, pela primeira vez, colocar no mercado suas produções em massa, como já acontecia, mas desta vez sob a forma de criações sempre novas. Assim, as artes gráficas adquiriram os meios de ilustrar a vida cotidiana, equiparando-se ao nível da imprensa moderna. Quanto a isso, Benjamin (1987) apresenta o passo decisivo desse processo de multiplicação de imagens, ao afirmar:

Mas a litografia ainda estava em seus primórdios, quando foi ultrapassada pela fotografia. Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho. Como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral. (Benjamin, 1987, p. 167)

A fotografia logo conquistou a exposição do rosto humano e o retrato se tornou o principal tema dos álbuns de família, seguido pelas fotos mortuárias, como continuidade e perpetuação da memória. De início, a foto era algo ainda elitizado, em razão dos seus custos. Câmera e revelação foram se popularizando enquanto a técnica fotográfica revelava seu processo de democratização, da minoria elitizada à popularização. Neste sentido, esclarece o que diz o fotógrafo Haas (apud KUBRUSLY, 1991, p. 10): “a fotografia é a manifestação democrática de uma arte aristocrática”. Já na atualidade a fotografia se tornou tão popular quanto a telefonia, a ponto de a necessidade de um smartphone vir associada à de uma câmera digital.

Há, contudo, um aspecto do fotografar que é mais universal e propriedade de todos. Diz respeito à autonomia do pensamento e sua expressão. O que nos interessa sobremaneira nesse artigo voltado ao uso educativo da fotografia. O ato de fotografar virou rotina. Seguiu sua dinâmica de reprodutibilidade vulgar ao ponto de

chegar ao incômodo da perda da liberdade e da individualidade. *Vênia* aos cientistas da comunicação, há diversas pesquisas em torno da exposição pessoal nas redes sociais e a maior parte delas se deve ao bombardeio e mau uso da captura fotográfica. A imagem pessoal e sua exposição se tornaram tão banais quanto a própria perda de sentido da realidade capturada e repetida infinitamente através da fotografia a esmo. Chega-se ao ‘absurdo’, “A fotografia constrange a realidade”, (CAMPANHOLI, 2014, p 8). Pois a fotografia pode mostrar o ‘invisível’, lugares e pessoas íntimas. Eis porque se impõe, desde a escola, uma proposta de utilização inteligente, proposital e positivamente curiosa, jamais abelhuda, do ato fotográfico.

O mundo se tornou imperativamente visual. Ainda que, no passado, as imagens tenham sido ‘troçadas’ pela escrita, vale lembrar que as letras também são imagens. As palavras são tidas quase exclusivamente como únicas produtoras de discursos verdadeiros, mas não se deve descurar do poder e da força de uma imagem. Mesmo que para discorrer sobre o que existe ou não, sobre os objetos ou as entidades se necessite de palavras, é tácito que as imagens nem sempre fazem uso delas. Note o que diz o ditado chinês: “uma imagem vale por mil palavras”. Até a escrita se converte em fotografia quando o aluno prefere fotografar a lousa a escrever o conteúdo em seu caderno pautado. Isto vem ocorrendo cada vez com maior frequência. Não é de agora que a ciência deve à imagem fotográfica esta outra forma de discursar. Segundo McLuhan (1969), há muito do que a palavra não poderia descrever, senão o olhar perceber, e interpretar sem palavras e, todavia, com muita compreensão o que as palavras, talvez, não conseguissem explicar. O autor afirma que

Removeu-se, desta forma, o entrave que dificultava os botânicos gregos e os seus sucessores. Desde as suas origens, a maior parte das ciências via-se impedida de progredir pela falta de um adequado meio não-verbal de transmitir informação. Hoje, até a física subatômica não poderia desenvolver-se sem a fotografia. (MCLUHAN, 1969, p. 218)

Aqui não se trata do uso comum de imagens, mas da imagem fotográfica, visto que a fotografia não só pode, mas deve ter um aporte didático. Todavia, o uso das imagens fotográficas nos livros didáticos, não raro, está imerso em ideologias políticas e midiáticas. O que necessita de uma interpretação e análise por parte daqueles inseridos no processo educacional, se a pretensão for uma educação crítica e eficiente que liberte o aluno do pensamento engessado, enquadrado e pronto dos livros comerciais. Necessita ainda mais de uma intervenção mais personalizada, se se pretende despertar e oportunizar a autonomia do aluno, dentro do seu processo de aprendizagem e de descoberta dos saberes, bem como seu interesse e entusiasmo pelas ciências e tecnologias.

De fato, as mídias digitais têm colocado nas mãos dos alunos, como de toda a sociedade, recursos tecnológicos cada vez mais avançados. Quanto ao uso de smartphones os números crescem a ponto de já superarem os PCs. Dados da Anatel de fevereiro de 2016 (BRASIL, 2016) informam que o número de linhas ativas na

telefonia móvel ultrapassa 258 milhões. A população brasileira, conforme dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), divulgados no Diário Oficial da União (BRASIL, 2016), estima-se em mais de 204 milhões de habitantes, ou seja, há mais de 1,2 celulares por pessoa, aproximadamente. Estes aparelhos vêm cada vez mais convergindo mídias, de modo que em apenas uma plataforma se possa os recursos de diversas tecnologias da Informação: rádio, internet, câmera fotográfica e filmadora de alta definição. Os recursos e possibilidades se tornam quase infinitos para a inteligência e criatividade individual. Com um smartphone se pode acessar, produzir e difundir diversas informações e conhecimento. Acredita-se que tal dispositivo tem assumido diversas funções do cérebro humano, como suas percepções e memória.

Encontra-se, não raro, a convivência e ampliação dessas tecnologias em diversas classes sociais e faixas etárias, no mesmo ambiente, a exemplo da escola, o que faz dela o ponto de partida para o nosso campo de pesquisa. Entenda-se o fato de que a própria vida social sempre dependeu das novas tecnologias, de que a modernidade lhe está indissolúvelmente atrelada e se concluirá a fundamental necessidade de orientação do seu uso, sobretudo das mais populares, como é o caso das fotos de smartphone. Ainda, para McLuhan (1969) a própria sociedade se transforma enquanto faz uso de uma tecnologia:

Mas a lógica da fotografia não é verbal nem sintática; é esta condição que torna a cultura literária incapaz de entender a fotografia. Pela mesma razão, a completa transformação da consciência dos sentidos humanos por obra da forma fotográfica implica no desenvolvimento de uma autoconsciência que altera a expressão facial e as máscaras cosméticas de modo tão imediato quanto altera nossas posturas corporais, em público ou particularmente. (MCLUHAN, 1969, p. 222)

Neste sentido a transformação que a fotografia exerce no fotógrafo despertou o interesse da psicologia, de Freud e de Jung, nos estudos das matizes comportamentais, mimeticamente modificadas pelo uso da câmera. Sobre isto McLuhan (1969) alerta:

E não é exagerado dizer, pois, que a fotografia altera tanto as nossas atitudes externas quanto as nossas atitudes e o nosso diálogo interno. A idade de Jung e Freud é, acima de tudo, a idade da fotografia, a idade de todos os matizes das atitudes autocríticas. (MCLUHAN, 1969, p. 222-223)

Dado o lugar que a fotografia ocupa na vida pessoal ou social, unida ao telefone celular, tem substituído em larga escala outras tecnologias, seja pela facilidade de troca de informação, sem a necessidade de impressão em papel e o uso da internet. Isto se tornou algo cada vez mais acessível e usual, além do fato de reunir diversas plataformas, suportes, aplicativos e mídias em um só 'aparelhinho', o que fez dele um possante e atual veículo de definição comportamental, moral e político, disseminador de ideias, pertença ou de controle social; portanto, entenda-se esse 'telefone' como um instrumento de cultura e de conhecimento.

Ousamos dizer então que a imagem, depois das letras, evoluiu até a fotografia.

Uma imagem é uma expressão do mundo real, portanto uma linguagem potencial, como afirma Flusser (1985, p. 8) “a escrita é metacódigo da imagem”, e a fotografia a sua eloquência. Se as letras são eficientes na descrição das ideias, assim também não o seriam na sua forma aprimorada?

3 I DA FOTOGRAFIA À EDUCAÇÃO

Daquilo que foi exposto acima e observando o seu uso disseminado nos smartphones com câmera digital entre os estudantes, considerando ainda algumas controvérsias quanto ao seu manuseio em sala de aula e até buscando uma forma pedagógica para o seu uso é que se propõe a aplicação de fotografias no processo de ensino aprendizagem. Quiçá vencer o preconceito do uso dos smartphones como ‘vício’, usando-o como suporte didático, reconhecendo o poder do seu recurso fotográfico e a excelência dessa mídia na comunicação, na construção do discurso e na formação do conhecimento mais elaborado de um estudante autônomo *versus* autômato.

Em outras palavras, a sugestão é usar dos recursos tecnológicos dos smartphones, uma consciência e metodologia já em aceitação como recurso pedagógico, que Crem (2014) destaca em especial a câmera digital, para a captura, compreensão e expressão do conhecimento, uma vez que fazer referência ao real e partir da realidade está no cerne do nascimento da fotografia. Isto pode ser corroborado por Neiva (2006, p. 66) quando cita que através da imagem fotográfica “Captura-se o que há de mais real na natureza: o acaso.” Ainda mais, é tácito que o seu uso já é legitimado nas disciplinas de história, geografia, biologia, física, química e em linguagens com os contos fotográficos.

Talvez a novidade seja usá-la para proporcionar a reflexão e o debate filosófico, tão necessários nas aulas de filosofia, dentro da construção dos conceitos e suas categorias interpretativas, o que toca o cerne da filosofia. É nesta perspectiva que se apresenta a proposta problematizadora e desafiadora de fazer filosofia com fotografia, de fazer a relação da fotografia com o estudo da filosofia, temas, conteúdo e currículo e conseguir despertar o olhar do aluno sobre si, sobre o outro e sobre o mundo em um contexto de sociedade movente, fluida e ubíqua.

Esta prática pode confirmar a teoria de Lins (2011), de que “utilizando a imagem de uma forma interativa, participativa, reflexiva e crítica, poderá obter resultados para ampliar a interação dentro e fora do universo da escola. A imagem poderá estar presente no cotidiano da escola de maneira emancipadora.” (LINS, 2011, p. 92) Bem como a justificativa esperançosa de Campanholi (2014), ao explicar:

Por isso é uma tão importante ferramenta mediadora no processo de produção do conhecimento, visto que numa sociedade cada vez mais visual, o docente aproxima a realidade do conteúdo estudado à realidade do aluno através das fotografias, resgatando, então, o encantamento, a curiosidade, o prazer em

O intento desse recurso didático pode, inclusive, contribuir com as discussões da BNCC – Base Nacional Comum Curricular do MEC (BRASIL, 2015), onde, desde o quarto ano do ensino fundamental, traz a utilização das ferramentas das mídias digitais que proporcionam o registro, o apagamento, o armazenamento e o arquivamento de informações; a produção de registros fotográficos e audiovisuais para postagem em espaços como chats, twitter, blogs, utilizados para atividades escolares, no quinto ano; a compreensão e produção de textos multimodais, como documentários e reportagens audiovisuais, articulando diferentes modalidades de linguagem, no nono ano; e no primeiro ano do ensino médio analisar os recursos de produção de sentidos e modos de leitura no meio digital (como os hipertextos, links, imagens, sons) em práticas de leitura e produção textual, envolvendo multimodalidades. Mas essas práticas estão aplicadas a Linguagens, especificamente.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2015) é um processo pedagógico que não seria possível sem cruzar conceitos de educação e comunicação. Assim, o aluno do ensino médio será capaz de produzir textos por meio de variadas mídias digitais (como vídeos, blogs, microblogs), utilizando-os para a divulgação de ideias, opiniões, conhecimentos adquiridos na escola ou fora dela, compreendendo as potencialidades das tecnologias de informação e comunicação. Trazendo tais práticas para a filosofia, pode-se encontrar caminhos adequados para o seu ensino e aprendizagem e para lidar com seus questionamentos, desenvolvendo métodos eficazes que possibilitem as competências e habilidades, as capacidades discursivas e formas próprias de pensar de cada aluno.

4 | DA FOTOGRAFIA À FILOSOFIA

Mas em que a fotografia toca a filosofia? Uma aparenta ser mais prática e a outra mais teórica. Em que a técnica contribui à teoria? Há uma vasta literatura sobre fotografia na Comunicação. No entanto, isto não se reflete na relação entre a fotografia e a Educação, muito menos seu uso no ensino da filosofia. Mesmo entre os teóricos da fotografia e os filósofos não há uma convergência ou consenso sobre a possibilidade de unir as suas teorias; isso quando não se envereda pelas consequências sociais da manipulação fotográfica ou de sua mecânica.

Pretende-se aqui experimentar as possibilidades do referendado do uso da fotografia na demonstração dos conteúdos disciplinares. Segundo o adágio chinês “uma imagem fala mais do que mil palavras”. Uma fotografia pode também deixar o aluno falar mais, falar os porquês de sua captura.

Encontramos alguns teóricos preocupados com a reflexão filosófica da fotografia enquanto técnica, dentre tantos outros, Benjamin (1987), Flusser (1985), McLuhan (1969) e Barthes (1984) que embora se mostre cético à interpretação filosófica de

uma fotografia, admite o discurso sobre o referente e usa de categorias filosóficas para isso.

Ainda que, tomando os autores acima por base, pretenda-se seguir com aqueles que já cruzam suas teorias e já experimentam as possibilidades do referendamento do uso da fotografia na demonstração dos conteúdos disciplinares, até porque o uso da fotografia na educação já vem se inserindo, ao longo dos anos, das fotografias espaciais de satélite aos registros das análises sociológicas. Ainda mais se vislumbra uma maior aplicação de fotografias nas discussões para a BNCC. O que atualiza a originalidade da presente proposta.

Ao utilizar fotografias, como objeto de estudo e de compreensão dos fenômenos sociais e existenciais, a pedagogia visual lança mão de um recurso sensível para auxílio do ensino da filosofia. Assim, a captura do cotidiano em imagens fotográficas possibilita novas formas de ver, experimentar, questionar e demonstrar a realidade, inclusive, para Neiva (2006, p. 36), “a cena vista pelo espectador e a narrativa se interpenetram.” Por isso, o uso da linguagem fotográfica pode favorecer o ensino e leitura da filosofia como algo mais próximo da vivência dos alunos, inclusive levando-o a ser coautor do seu conhecimento, usando a foto seguida da escrita de legendas.

A perspectiva midiática desse processo se constitui, em um primeiro momento, como metodologia através do recurso fotográfico enquanto auxílio ao ensino do pensar filosófico, a partir dos teóricos que embasam este ponto comunal entre filosofia, fotografia e pedagogia. No segundo momento, trata-se da demonstração do uso convergente dessas teorias aplicadas em aula, produzidas no cotidiano e entorno do aluno e aplicadas em sala.

Despertar o sentimento do aluno sobre a realidade que o cerca e ajudá-lo a compreender e extrair de sua experiência cotidiana as lições ou a fazer as pontes necessárias de uma educação para a vida, pode ser uma conquista que encontre na fotografia um auxiliar necessário. Flusser (1985, p. 10) afirma que entramos na pós-história da humanidade, a Era das imagens técnicas, quando a fotografia assume o primeiro lugar na crise dos textos.

A crise dos textos implica o naufrágio da História toda, que é, estritamente, processo de recodificação de imagens em conceito. História é explicação progressiva de imagens, desmágicização, conceituação. Lá, onde os textos não mais significam imagens, nada resta a explicar, e a história para. Em tal mundo, explicações passam a ser supérfluas: mundo absurdo, mundo da atualidade. (FLUSSER, 1985. p. 9) Urge, portanto, despertar a inteligência do aluno sobre a realidade que o cerca e ajudá-lo a compreender e extrair de sua experiência cotidiana as lições e a fazer as pontes necessárias de uma educação para a vida. Esta pode ser uma conquista que encontre na fotografia, enquanto meio, a sua maior auxiliar. Se a busca do sentido da vida e do mundo é o âmago da filosofia, a fotografia pedagógica pode ser a sua lente galileana.

Para Reali e Antiseri (1990, p. 249) Galileu “ousa apontá-la (a luneta) *in*

superioribus". Esta frase lembra também a ousadia e coragem de um fotógrafo e a mira da lente de sua câmera. A lente assume o lugar dos olhos e da visão e a câmera auxilia no processo de transformação do mundo real em pensamento. Antes um processo mecânico de captura da imagem que logo se converte em imaginação no reflexo de outras ideias mentais. Estamos interessados nas sínteses que a mente humana poderá produzir entre memória, imaginação, pensamento e reflexão, quando se encontrarem os espelhos das ideias filosóficas com o espelho das realidades percebidas e memorizadas.

A libertação que a fotografia provocou no mundo preso aos livros, focado e cabisbaixo, faz olhar para a frente e para os lados e não só assistir, mas testemunhar evidências, numa panorâmica além do linear das filas de produção em série. A fotografia é um recorte do real, uma releitura da própria realidade e da sociedade. Pode alienar, mas também redirecionar e apresentar detalhes não percebidos num olhar circular. "Assim a fotografia de fato transcende o pictórico para captar os gestos e atitudes internas tanto do corpo como do espírito, liberando os mundos da endocrinologia e da psicopatologia." (MCLUHAN, 1969, p. 229) A fotografia é uma reflexão do real, do sentimental e do imaginário.

Para Alves (2008, p. 03) "Dada a exposição atual de alunos, desde a mais tenra idade, às imagens fotográficas, a escola não pode se furtar de incluir a fotografia em seu repertório e currículo, procurando compreender qual o idioma deste meio e de que forma ele é incorporado pelos alunos." O pensamento benjaminiano precisa ser trazido para as discussões pedagógicas e comunicacionais, ao que nos chama a atenção o fato de que

Pelo olhar "benjaminiano", a imagem – como obra de arte, comunicativa ou apenas imagem -, assedia nossa sociedade e traz ideologias embutidas, muito mais sutis que as ideologias subjacentes nas linguagens verbais, por isso é imprescindível reconhecer sua linguagem como científica, se essa for a indicação para que possa ser adotada na educação. (LINS, 2011. p. 95)

O livro didático, muitas vezes comercial e também sujeito às ideologias dominantes já foi amplamente denunciado como alienante e desenraizado do ambiente cultural dos alunos. "A fotografia assume uma nova função, a de elemento fundamental para compreensão e registro da história e da realidade [...]" (LINS, 2011, p. 92) A imagem e a fotografia dos livros didáticos também estão ali para serem lidas. A ciência da Comunicação não pode desamparar a pedagogia na tarefa de decifração das mídias.

A proposta aqui apresentada pretende ser mais personalizante, visto que a filosofia é uma das disciplinas onde se pode criticar o próprio conteúdo. A disciplina de Filosofia trata de um saber reflexivo e apropriação teórica, diferente de outras que apresentam os seus conteúdos 'prontos'. Por sua vez, a captura de imagens em Filosofia se configura no pensamento de cada aluno, em sua individualidade. A confecção de suas legendas dependerá do entendimento pessoal, o que cooperará

na verificabilidade da apreensão do conteúdo, das competências e habilidades propostas para cada temática curricular. Valendo-se do circuito ‘emissão-ruído-recepção-emissão’ podemos parear que o retorno do conhecimento/informação é o objetivo da comunicação e da docência.

A construção do conhecimento a partir da transformação do pensamento em captura fotográfica experimental, de cenas do cotidiano e da natureza e de sua posterior decifração em linguagem visual e discurso verbal, pode ser utilizado na educação como aplicação ou exercício-experimento dos conteúdos recebidos, como forma de verificação de redação e expressão visual.

Trata-se de outra forma de refletir as ‘realidades’ e projetar a sociedade, uma vez que “O conhecimento de uma imagem implica decifração” (NEIVA, 2006, p. 35) e conhecer é interpretar.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação da fotografia na docência da filosofia está em consonância como os parâmetros curriculares do ensino médio e as discussões da BNCC, embora não haja referência ao seu uso na Filosofia, apenas na Sociologia como interpretação e suscitação de discussões sociais. Eis porque se pretende aqui a provocação da utilidade de fotografias originais na construção do entendimento dos conteúdos, não apenas uma releitura interpretativa das imagens livrescas, mas de novas capturas originadas pelo ato fotográfico dos alunos nos períodos letivo, bem como de suas interpretações *in locu*.

Supõe-se que o professor que enverede por tal proposta educativa deverá privilegiar a autonomia das produções dos alunos, a ligação temática entre fotografias, legendas e conteúdo curricular, o campo onde foram produzidas as fotografias, bem como suas falas, suas justificativas e metodologias. O objetivo principal de tal experimentação é o envolvimento dialógico, cooperativo e participativo na construção e solução de uma situação-problema. Agindo assim, o material recolhido pode ser catalogado e medido quali-quantitativamente.

Pode-se ainda investigar o objeto-imagem de interesse dos alunos e o seu comportamento, tanto individual quanto em grupos de trabalho, o que tange à sua apropriação e demonstração nos debates em sala de aula, a fim de colher resultados e buscar a unidade das ideias opostas, inspirados pela própria “teimosia do referente” (BARTHES, 1984, p. 15), que traz uma dicotomia pulsante e uma harmonia conflituosa, apresentando mudanças que interferem na qualidade do ensino. Inclusive, percebendo a mudança do paradigma verbal para o visual, nesse conflito de aparentes contrários, a sintetizar contribuições plausíveis e inovadoras para a educação e torne a filosofia mais compreensível, sobretudo, usual no cotidiano dos alunos, para toda a sua vida.

Vale insistir que essa proposta tem a finalidade primordial do resultado, nos

alunos, da demonstração, através da captura fotográfica do seu cotidiano, de imagens do seu entorno, que expressem os conteúdos das aulas, a seu modo de ver e de explicar as sua a compreensão do assunto lecionado, demonstrando o quanto o ato fotográfico pode ser associado ao ato reflexivo e à expressão do pensamento mais amadurecido, após o estudo de Filosofia, sua capacidade de interpretar e entender, de pensar e se expressar filosoficamente no mundo que o circula e o instiga, questiona e que nem sempre o convence.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. F. **Fotografia e Educação**: Alguns Olhares do Saber e do Fazer. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0259-1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- BARTHES, R. **A Câmera Clara** – Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política** – Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1. 3ª Ed. São Paulo. Brasiliense, 1987.
- BRASIL. ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações. **Telefonia Móvel – Acessos**. 2016. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br/dados/index.php/destaque-1/283-movelacessos-maio>. Acesso em: 12 abr. 2016.
- BRASIL. MEC. **BNCC** – Base Nacional Comum Curricular. 2015. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 02 nov. 2015.
- CHAMPANHOLI, J. A. M.: Fotografia e educação: o uso da fotografia na prática docente. Revista Primus Vitam - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil N° 7 – 2º semestre de 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6720186-Fotografia-e-educacao-o-uso-da-fotografia-na-pratica-docente-julie-a-m-campanholi.html>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- CHAMPANHOLI, J. A. M.: O uso da fotografia na prática docente: Aprendizagem e desenvolvimento profissional na docência universitária. Revista Pandora Brasil - N° 49 Dezembro de 2012. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/docencia/julie.pdf. Acesso em: 11 abr. 2016.
- CREM, J. **Celular liberado**. 2014. Disponível em: <https://www.revistaeducacao.com.br/celular-liberado/>. Acesso em: 30 out. 2015.
- FLUSSER, V. **A Filosofia da Caixa Preta** – Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Ed. Hucitec, 1985.
- KUBRUSLY, C. A. **O que é fotografia?** 4ª Ed. São Paulo-SP: Brasiliense, 1991. (Coleção primeiros passos, nº 83)
- LINS, A. C. **Walter Benjamin e a educação**: apropriações de suas teorias para análise da imagem como recurso didático. Caderno de prod. acad.-cient. progr. pós-grad. educ., Vitória-ES, v. 17, n. 2, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/PRODISCENTE/article/view/5809>. Acesso em: 09 abr. 2016.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

NEIVA, E. **A Imagem**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios)

PLATÃO. **A República**. Trad. Pietro Nasseti. 3ª Ed. São Paulo: Martin Claret. 2000. (Obras Primas de Cada Autor)

REALI, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**: Do Humanismo a Kant. São Paulo: Paulus, 1990. vol. 2. (Coleção filosofia).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise 83, 84, 98, 110, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 156, 213, 217, 219

Aprendizagem 22, 57, 107, 145, 157, 192, 201, 212

C

Cultura 9, 27, 171, 192

D

Desafios 2, 3, 253

Diversidade 213, 255

Docência 225, 257, 258, 259, 260

E

EAD 133, 213, 236

Educação 1, 2, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 35, 36, 38, 45, 46, 47, 53, 57, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 78, 79, 80, 89, 99, 100, 101, 102, 109, 110, 112, 121, 122, 123, 124, 126, 131, 132, 133, 145, 146, 147, 148, 151, 156, 158, 193, 204, 206, 207, 208, 212, 213, 214, 216, 218, 219, 220, 221, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 236, 237, 238, 245, 247, 248, 253, 254, 255, 258, 260, 264, 265, 266, 267

Educação Sexual 267

Empoderamento 242

Ensino 10, 11, 16, 17, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 36, 40, 63, 106, 111, 112, 113, 114, 115, 122, 123, 125, 151, 191, 192, 198, 202, 223, 227, 229, 258, 260, 265, 266

Escola 17, 38, 60, 61, 89, 96, 126, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 139, 140, 143, 145, 146, 238, 255, 259, 260, 261, 263

Estética 2, 5

Ética 2, 190, 192, 193

Experiência 257

F

Formação 2, 1, 2, 9, 10, 12, 13, 59, 68, 132, 213, 225, 227, 228, 229, 247, 257, 265, 267

G

Gênero 246

Gestão 10, 14, 89, 93, 110, 123, 132, 133, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 225, 265

I

Inclusão 1, 212, 255

Indivíduos 46

Informação 25, 51, 76

Intuir 134

L

Ler 142

M

Magistério 132

P

Pedagogia 9, 21, 23, 68, 70, 89, 96, 147, 151, 208, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 245, 255, 267

Perspectivas 253

Pesquisa 18, 19, 20, 36, 46, 100, 110, 123, 190, 212, 213, 225, 227, 255

Políticas 98, 133, 265

Práticas 59, 79

Processo 68, 135

Q

Qualidade 98, 101, 102, 110, 198, 199, 200

R

Respeito 29

S

Sexualidade 208, 209, 212, 267

T

Tecnologias 25, 76, 123, 132, 133, 213, 217, 219, 267

TIC 25, 30, 131, 133, 214, 217, 224

Trabalho 33, 45, 86, 133, 193, 195, 198, 200, 213, 218, 247

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-568-6

